

PREFIXO *DES-*: UMA PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO

Maria Carolina Piloto²
Maressa Rodrigues¹
Catarina Vaz Rodrigues³

RESUMO: Considerando que os prefixos do português ainda não foram sistematizados, fato que acarreta prejuízos ao processo de ensino-aprendizagem, teve-se como objetivo geral identificar as regras que caracterizam o prefixo *des-*. Para atingi-lo, identificaram-se os distintos valores semânticos apresentados por esse prefixo, afim de verificar se os mesmos faziam parte de uma mesma regra. A análise desenvolvida teve como base uma concepção de palavras pluridimensional, a qual parte do pressuposto de que a formação de palavras inclui componentes de morfologia, fonologia, sintaxe, semântica, lexicologia e pragmática, e que ela só pode ser apreendida, em sua totalidade, se todos esses componentes forem considerados. As regras que dão origem aos vocábulos construídos estruturam-se a partir de três módulos: o de base, que define as estruturas morfolexicais que fazem parte das regras; o gerativo, cujas regras compreendem operações morfológicas e semântico-categoriais e o convencional, que tem por função explicitar as sub-regularidades ou irregularidades dos vocábulos construídos. Esse modelo teórico foi aplicado ao *corpus* colhido no dicionário Aurélio, e foi possível constatar que o operador *des-* pode ser sistematizado em diferentes operações semântico-categoriais, que permitem a formulação de regras. Observando os objetivos estabelecidos verificou-se que *des-* não se constitui em uma regra única, já que os dados analisados permitiram identificar cinco realizações desse prefixo: a primeira regra apresenta a operação semântica de separação; a segunda indica transformação; a terceira caracteriza ação contrária; a quarta, a privação e a quinta, negação. Concluiu-se, assim, que os distintos valores semânticos do prefixo *des-* estão vinculados a regras próprias.

PALAVRAS-CHAVE: Prefixos; regras; linguística.

PREFIX DES-: A SYSTEMATIZATION PROPOSAL

ABSTRACT: *Taking into account that the prefixes in Portuguese were not systematized yet, hindering the learning-teaching process, it was our general aim to identify the rules that characterize the prefix des-. To accomplish it, it was identified the different semantic values to verify if they belonged to the same rule. The developed analysis had as a base, the conception of multi-dimensional words, presupposing that the formation of words includes morphological, phonological, syntax, semantics, lexicon and pragmatics components, and that it can only be learned in its totality if all the components are considered. The rules that give origin to the constructed words are framed from three modules: basal, which defines the morphological structures that make part of the rules; the generative, whose rules comprise morphological and semantic-categorical operations and the conventional. This theoretical model was applied to the corpus gathered at the Aurélio Dictionary, and it was possible to verify that the operator des- can be systematized in different semantic-categorical operations, which permit the rules formation. Observing the established aims, it was verified that des- did not have "a single" rule, thus the analyzed data allowed us to identify five circumstances for the occurrence of this prefix: The first rule presents the separation semantics; the second indicates transformation; the third characterizes contrary action; the fourth privation and the fifth negation. Thus, it is concluded that the distinct semantic values of the prefix des- are tied to peculiar rules.*

KEY-WORDS: *Prefixes; rules; linguistics*

Introdução

O processo de ensino-aprendizado vincula-se intimamente com os materiais didático-pedagógicos,

utilizados. Portanto, quanto mais claros e bem planejados forem tais materiais, maior será a possibilidade de o aluno obter bons resultados.

Apesar de existirem muitas publicações na área de

¹ Graduou-se em Letras pela Universidade Estadual de Maringá.

² Graduou-se em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é mestranda da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Docente (Graduação e Pós-graduação) da Universidade Estadual de Maringá.

formação de palavras (FP), há poucas propostas de sistematização. Uma das maiores conseqüências disso é o empobrecimento do material didático-pedagógico, no qual os prefixos são apresentados sob a forma de uma lista em ordem alfabética, separados por origem, com seus significados e alguns exemplos.

Para tentar reverter esse quadro, o objetivo geral do estudo desenvolvido foi analisar o prefixo *des-* de forma a verificar seus valores semânticos e observar se esses fazem parte de regras diferentes ou são variantes de uma mesma regra, elucidando algumas dificuldades encontradas no ensino-aprendizagem desse afixo. Análise desenvolvida justifica-se na medida em que se propõe a realizar uma reflexão sobre uma área ainda não sistematizada em português, elucidando questões que, quando não esclarecidas, dificultam a compreensão dos fatos da língua, contribuindo assim para o ensino.

Descrições incompletas ou não sistematizadas conduzem a distorções na compreensão do processo prefixal, pois falseiam o caráter regular e sistemático das regras. Essas distorções criam dificuldades tanto para o professor, que não dispõe de suporte teórico adequado para ministrar suas aulas, quanto para os alunos, que não conseguem compreender os fatos da língua.

A análise que desenvolvemos teve como base uma concepção de formação de palavras pluridimensional. Essa concepção leva a uma proposta fundamentada em aspectos confluentes e compatíveis de diferentes modelos, pois uma única linha teórica não abrangeria todas as dimensões envolvidas. Em vista disso, foram utilizadas contribuições de diferentes modelos teóricos, tais como: gramáticas históricas e dicionários etimológicos, gerativismo, e semântica dos protótipos.

Considerando que modelos teóricos distintos apresentam pontos divergentes, em um primeiro momento, analisamos as principais características dos modelos tradicional, estrutural e gerativo, para extrair desses os aspectos compatíveis, e que contribuem para explicitar nosso objeto de trabalho.

Primeiramente, observou-se o histórico da FP nos diferentes modelos teóricos. A abordagem tradicional tem cunho greco-latino e isso reflete na maneira como a FP é apresentada. Ela limita-se a apresentar os afixos separados segundo sua origem (ex.: gregos e latinos) e seus significados, sendo que um mesmo prefixo, por vezes, é apresentado com vários valores semânticos, não chegando a uma sistematização. Contudo, não podemos deixar de lembrar que, apesar da FP não ter tido destaque nesse modelo teórico, ela foi acrescida com a descrição minuciosa dos afixos encontrados em obras que antecederam o estruturalismo. Um exemplo é o *Dicionário Etimológico* (1959) de Ernout e Meillet, utilizado em nossa pesquisa.

Em relação ao modelo estrutural, devemos ter claro que era descritivista. Um fato que o marcou foi a consideração do morfema como unidade mínima de significação, o que contribuiu para os estudos morfológicos, principalmente, na área de flexão. Entretanto não houve um grande desenvolvimento na área de formação de palavras.

Detendo-nos um pouco no modelo gerativo, devemos considerar que ele procura dar conta da competência do falante e, dentro dele, nós nos fixamos mais especificamente no modelo de D. Corbin.

O modelo teórico escolhido se diferencia dos demais por definir os processos derivacionais como sendo associativos e estratificados. Associativos, porque geram simultaneamente a estrutura morfológica e a interpretação semântica das palavras, e estratificados, porque apresentam diferentes níveis de organização.

Em seu modelo teórico, D. Corbin apresenta três módulos que estruturam a FP: o módulo de base, o gerativo e o convencional. O módulo de base é composto pelos elementos essenciais utilizados na FP (bases e afixos). O módulo gerativo é composto pelas regras de construção de palavras, sendo que os constituintes da FP são os seguintes:

FP: 10C+10S+nOM

A FP apresenta, portanto uma operação categorial (OC), no nosso caso homocategorial (V>V), uma operação semântica (OS), representada por uma paráfrase que tenta caracterizar o valor semântico da regra e uma ou mais operações morfológicas (nOM), para nós prefixal.

O módulo convencional tem que dar conta das diferenças semânticas e formais que podem existir entre as formas previstas pela regra e as atestadas no léxico. As dimensões compreendidas pelos dois primeiros módulos, embora sejam fundamentais no processo de construção de palavras, mostram-se insuficientes para se chegar ao sentido dos enunciados efetivamente produzidos. São, por essa razão, complementadas pela dimensão enunciativo-pragmática do módulo convencional.

Deve-se ressaltar que, apesar de estarmos trabalhando com o modelo gerativista de Corbin, fez-se necessário operarmos com uma concepção mais ampla, como a da Rio Torto, deixando de lado alguns recursos da gramática gerativa, como a análise semântica baseada na análise componencial. Vejamos mais detalhadamente o porquê dessa atitude.

A análise componencial trabalha com base nas condições necessárias e suficientes, excluindo os traços acessórios ou acidentais, que são aqueles que não abrangem todos os integrantes de uma mesma categoria. Tomemos como exemplo o exemplar 'cisne', que possui como condições necessárias e suficientes estes traços:

[+pássaro], [+ovíparo] e [+animado], e como traços acessórios ou acidentais: [+branco] e [+preto].

Trabalhando nessa linha, não podemos explicar uma série de processos derivacionais, pois esses traços acessórios e acidentais são fundamentais para as definições semânticas das bases, dos operadores e até mesmo das regras em que constam os derivados.

Por essas razões, trabalhamos na perspectiva da semântica dos protótipos, mais especificamente com a semelhança de família, que linguisticamente é a mais explicativa, uma vez que as semelhanças comuns, dentro de uma mesma família, não precisam ser compartilhadas por todas as ocorrências, bastando manifestar-se em pelo menos duas.

A teoria da categorização que engloba a semelhança de famílias é composta por um conjunto de referentes (A, B, C, D,...), ligados entre si por relações associativas (AB, BC, CD,...), o que aponta uma categoria comum e não uma entidade central que a represente.

A concepção monorreferencial, na qual todos os membros de uma categoria devem apresentar pelo menos um traço do protótipo, passa a ser multirreferencial, na qual a categoria "é formada por tipos de referentes ou de subcategorias diferentes, relacionadas entre si de tal forma que a primeira, por exemplo, pode não ter nenhuma relação direta com a última" (Kleiber, 1988 : 47). Nesse modelo, podemos agrupar, na mesma categoria do vocábulo 'vaca', as subcategorias referenciais bezerro, leite, queijo, etc.

Conforme o exposto, utilizamos na pesquisa desenvolvida a concepção do modelo pluridimensional de Rio Torto, no qual a FP é concebida como um setor que está na intersecção de outros setores da língua.

Partindo desse referencial teórico, passamos para a análise do nosso objeto de estudo em um *corpus* delimitado. O prefixo *des-* pode ocorrer com diferentes valores semânticos, conforme se observa, por exemplo, no dicionário Aurélio (1999), que indica "separação", "transformação", "intensidade", "ação contrária", "negação", "privação", "reiteração" e "caráter reforçativo". Em Antônio Geraldo da Cunha (1998) encontramos ainda "cessação", "coisa ou ação mal feita" e "caráter pleonástico". Os exemplos evidenciam o caráter polissêmico desse prefixo.

A questão que surge é se estamos diante de um ou de vários prefixos. Outra questão a ser dilucidada é o que se entenderá pelos conceitos acima citados; eles não estão claramente explicitados nas obras consultadas, o que dá margem a vários problemas. Sem parâmetros claros torna-se difícil considerar *desanexar* como sendo "separação" (separar o que estava junto) ou "ação contrária" (ação contrária a anexar).

Considerando que tais conceitos são fundamentais na construção das operações semânticas, iniciamos nossa

análise pela definição do que será entendido, individualmente, por esses conceitos. Utilizamos, para tanto, informações provenientes de diferentes fontes, tais como: textos de lingüística, dicionários etimológicos, de lingüística, de filosofia, de química, entre outros.

Todo o *corpus* analisado foi extraído do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1999, Cd room). E, a partir desse *corpus*, foi feita a análise das palavras presentes nele e de seus conceitos e assim elaborada uma regra para cada caso passível de sistematização.

1- Separação

A noção de *separação*, assim como as demais já citadas, mostram-se polissêmica em dicionários não-especializados, como o de Aurélio (1999), o qual indica: "ato ou efeito de separar-se"; "afastamento", "apartamento" e "distância". Em vista disso, procuramos em obras especializadas uma definição mais precisa.

Ao observar os diversos valores semânticos das ocorrências do verbete em questão, constatamos a necessidade de estabelecer variantes específicas para cada um dos casos citados. Seguindo o referencial teórico, pudemos identificar os derivados prefixais construídos pela regra, por exemplo:

derivados em que não há alteração da estrutura física dos constituintes em jogo, os quais são contáveis: desacasalar, desacavalhar, desachegar:

- a) derivados em que não há alteração da estrutura física, mas os constituintes podem ser não-contáveis: desamontoar;
- b) aqueles em que há mudança na forma e os constituintes são não-contáveis: desaglomerar, desintegrar;
- c) aqueles em que há mudança na forma e os constituintes são contáveis: desconjuntar;

Tendo por base o referencial teórico e os dados referentes à noção de separação, chegamos à seguinte regra:

OC: V > V

OS: xd, que indica separação dos constituintes de xb

OM: des-1

2- Transformação

Após analisarmos os vários conceitos, encontrados nas fontes consultadas, concluímos que, em suma, transformação implica uma mudança em alguma propriedade ou grau de propriedade do objeto, chegando à seguinte regra:

OC: V > V

OS: xd, que apresenta transformação em sua forma

e/ ou estrutura em relação a xb

OM: des-2

Exemplos: degelar, desenrugar, desfigurar.

3- Ação contrária

As obras consultadas não apresentam o conceito de ação contrária. Em virtude disto, fez-se necessária uma pesquisa de cada um dos termos "ação" e "contrária", isoladamente, chegando-se à conclusão de que ela é aquela em que o agente provoca uma mudança contrária a ação praticada anteriormente, a qual pode ser exterior, nos casos em que o agente opera sobre outro ente, ou interior, se o agente operar sobre si mesmo. A ação contrária ainda pode ser quantitativa ou qualitativa.

Em seguida, formulou-se a seguinte regra:

OC: V > V

OS: xd, que indica uma ação transeunte ou imanente oposta àquela expressa por xb

OM: des-3

Exemplos: desabraçar, desabotoar, desacelerar.

4- Negação

O verbete *negação* é definido no *Dicionário de Filosofia* (Abbagnano, 1998) como o "termo com o qual se pode designar tanto o ato de negar quanto o conteúdo negado", ou seja, a proposição negativa é definida como "enunciado que divide algo de algo", porquanto, segundo a mesma doutrina aristotélica, separa ou afasta dois conceitos. Substancialmente, considera-se a negação "como ato de contestação (recusa, repúdio,...) de uma representação ou idéia".

Partindo dessa noção, temos a seguinte regra:

OC: V > V

OS: xd que nega xb

OM: des-4

Exemplos: desajudar, desaceitar, desagradar, desaprovar.

5- Privação

O conceito que melhor define privação é o conceito dado por Brugger (1977:332): "privação significa geralmente a não existência de um estado ou de uma propriedade, de que uma coisa é capaz e que deveria possuir para ser perfeita em sua espécie (p. ex., a cegueira). Não designa, portanto, simples negação de um ser, mas pressupõe sempre um sujeito que não possui tudo quanto devia possuir, de acordo com a sua natureza". O que nos leva a seguinte regra:

OC: V > V

OS: xd, que apresente falta/ ausência de uma propriedade de xb

OM: des-5

Exemplos: desvitalizar, desentesar.

Além dos valores semânticos identificados nas regras, encontram-se ainda dicionarizados os valores "intensidade", "caráter reforçativo" e "reiteração". Entre esses valores, alguns são de uso esporádico, e não se caracterizam propriamente como uma regra derivacional. Enquadram-se no primeiro caso intensidade e reiteração, conforme segue.

Entendemos, aqui, *reiteração* (de caráter freqüentativo) como sendo "uma forma verbal provida de um afixo que indica a repetição da ação expressa pela raiz do verbo" (Dubois,1986:294). O único exemplo encontrado no *corpus*, que ilustra esse valor semântico foi: *deslavar*: 1. Tornar a lavar. (lavar: sulcar (a terra) com arado ou charrua; arar, amanhar, cultivar).

A noção de *intensidade* é definida pelo *Dicionário de Filosofia* (Brugger, 1977:237) como:

a grandeza da qualidade ou o grau em que um sujeito participa de um modo de ser. Devemos distinguir entre a grandeza da qualidade e a grandeza do sujeito da mesma, p. ex., maior ou menor superfície luminosa; maior ou menor intensidade de luz numa superfície de extensão invariável. Enquanto a intensidade de qualidades espirituais só pode ser medida em sentido impróprio, as qualidades corpóreas e mutáveis estão sujeitas à medição propriamente dita, isto é, ao conhecimento numérico dimensivo. O número indicador da grandeza da qualidade chama-se grau ou grau de intensidade. A intensidade mede-se ou por efeitos mensuravelmente comprováveis, p.ex., a dilatação pelo calor, ou por causas mensuravelmente conhecidas, p. ex., a intensidade luminosa (p. ex., de velas).

Numa perspectiva lingüística, consideramos o grau de grandeza da qualidade como um elemento de avaliação. A avaliação consiste

na ponderação do grau de presença, manifestação, intensidade ou de plenitude da(s) propriedade(s) da base (Xb) que são objecto de avaliação. A avaliação pode ser de natureza quantitativa e/ou qualitativa, sendo Xd genericamente parafraseável por Xb avaliado quantitativa e/ou qualificativamente. O resultado da avaliação traduz-se, assim, pela expressão da alta/ maior ou da baixa /menor quantidade e/ou qualidade de *p*, em que *p*

representa a propriedade avaliada, ou a própria base, quando esta se define por *p*. (Rio-Torto, 1998: 12).

A partir desses conceitos, encontramos, no *corpus* analisado, o exemplo: *desarrancar*: 1. arrancar com ímpeto. (arrancar: tirar com mais ou menos força ou violência; fazer sair, puxando; despegar: "arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe" (pe. Antônio Vieira", Sermões, iii, p. 419).).

Tendo em vista que, em ambos os casos, foi registrado apenas um exemplo, consideramos essas ocorrências como esporádicas e não propriamente como uma regra.

O Dicionário Aurélio (1999) nos dá ainda outro valor semântico, o "caráter reforçativo"; inclusive cita quinze verbetes, os quais considera ter esse valor. Vejamos agora as especificidades do caráter reforçativo que também fogem, conforme observamos acima, às regras já sistematizadas. Para assimilarmos o real significado da expressão *caráter reforçativo*, fez-se necessário um estudo desse conceito.

No *Dicionário Aurélio* (1999), a definição mais adequada para o verbo *caráter* é a de "especialidade, especificidade; qualidade inerente a uma pessoa, animal ou coisa; o que os distingue de outra pessoa, animal ou coisa".

Essa noção de *caráter* pode ser complementada com a definição dada por Abbagnano (1998:115): "propriamente o sinal, ou o conjunto de sinais, que distingue um objeto e permite reconhecê-lo facilmente entre os outros. Em particular, o modo de ser ou de comportar-se habitual e constante de uma pessoa, à medida que individualiza e distingue a própria pessoa".

Reforçativo, segundo o Aurélio (1999), é o "que serve para reforçar", sendo que reforçar significa "tornar mais forte, mais sólido, mais intenso; dar mais força a: Estes dados reforçarão o pedido".

Sendo assim, pode-se concluir que *caráter reforçativo* é uma especificidade ou sinal que intensificam alguma característica, propriedade de um ser, objeto ou coisa. Vejamos alguns exemplos: desafastar, desaliviar, desapagar, despartar.

Contudo percebemos que os afixos não aportaram à base nenhum valor semântico, o que seria fundamental no processo derivacional. Dessa forma, consideramos, observando Daniele Corbin (1991), que não há, nesses casos, uma regra, mas, simplesmente, um caso de integração paradigmática, a qual permite explicar a presença superficial de segmentos afixóides não necessários à interpretação semântica.

Conclusões Finais

A partir de toda essa pesquisa, é possível concluir que os diferentes significados que o prefixo apresenta, e o fato de normalmente não implicar mudança categorial constituem-se, conforme vimos na introdução, em fatores que dificultam a análise. O estudo que desenvolvemos permitiu demonstrar que tais fatores não impedem que o prefixo *des-* seja sistematizado em regras.

O modelo teórico adotado permitiu demonstrar que o processo de formação de palavras compreende não só os afixos, conforme as gramáticas apresentam, como também as bases e as operações semântico-categoriais que definem cada regra.

Observou-se que os derivados construídos com o prefixo *des-* apresentam regularidade e sistematicidade, o que nos permitiu verificar, conforme estabelecido no objetivo, que *des-* não se constitui em uma regra única, já que os dados analisados conduziram à identificação de cinco regras com esse prefixo:

- a primeira regra aponta o valor semântico de separação;
- a segunda indica transformação;
- a terceira caracteriza ação contrária;
- a quarta nos dá a noção de privação;
- a quinta aponta o sentido de negação.

Deve-se ressaltar que nem todos os valores semânticos atribuídos a esse prefixo se constituem em regras, conforme constatamos em relação à reiteração e à intensidade, que aparecem esporadicamente, e caráter reforçativo, no qual os exemplos permitem afirmar que o prefixo não altera o valor semântico das bases. Como vimos, os dicionários apresentam vários valores semânticos para o prefixo *des-*, contrariando às gramáticas, que normalmente apresentam apenas "separação" e "ação contrária", o que restringe a possibilidade de compreensão, por parte do usuário, das várias ocorrências de um mesmo prefixo quando ligado à sua base.

Concluimos portanto que a pesquisa proporcionou a possibilidade de estudo de uma área fundamental no ensino didático-pedagógico, a formação de palavras sendo que o âmbito total desse assunto é imensurável, não podendo ser totalmente discutido nesse trabalho.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. (1998) *Dicionário de filosofia*; trad. Alfredo Bosi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BRUGGER, Walter. (1977) *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. São Paulo: GPU. Trad. A.P. Carvalho.
- CORBIN, Danielle. (1988) Pour un composant lexical associatif et stratifié. *DRLAV*, n. 38, p.63-92.

- _____. (1991) La formation des mots: structures e interprétations. *Lexique*, n. 10, p. 7-30.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. (1998) *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DUBOIS, Jean et al. (1996) *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- HOLANDA, Aurélio B. (1999) Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. CD.Room.
- KLEIBER, George. (1988) Prototype, stereotype: un air de famille? *DRLAV*, n. 38, p.1-61.
- Press.
- RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva.(1987) Operações derivacionais que envolvem os sufixos em -ão em português. In: *Actas do Segundo Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística (2: 1986: Lisboa)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Lingüística. p. 105-145.
- _____.(1993a) *Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos*. Coimbra. Tese (Doutoramento em Lingüística Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- _____.(1998) *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto.
- _____.(1998) Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. *Filologia e Lingüística*, v.2, p.1-14.
- _____.Anais do XII Congresso Internazionale de Lingüística e Filologia Romana. Palermo, 18-24. Setembro, 1995.